

APREENSÃO DE ATMOSFERAS NA ARQUITETURA

O estudo de caso do Espaço
Cultural José Lins do Rêgo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Janaina Ferraz Lopes da Rocha
Orientadora: Wylinna Carlos Lima Vidal

APREENSÃO DE ATMOSFERAS NA ARQUITETURA:

O estudo de caso do Espaço Cultural José Lins do Rêgo.

Trabalho final de graduação
apresentado para obtenção do
grau de Bacharel em Arquitetura
e Urbanismo pela Universidade
Federal da Paraíba.

NOVEMBRO 2023

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

R672a Rocha, Janaina Ferraz Lopes da.
Apreensão de Atmosferas na arquitetura: O estudo de
caso do Espaço Cultural José Lins do Rêgo / Janaina
Ferraz Lopes da Rocha. - João Pessoa, 2023.
43 f.

Orientação: Wylinna Carlos Lima Vidal.
TCC (Graduação) - UFPB/C Tecnologia.

1. Fenomenologia. 2. Atmosferas. 3. Experimentação.
4. Ensaio narrativo. I. Vidal, Wylinna Carlos Lima. II.
Título.

UFPB/CT/BSCT

CDU 72:711(043.2)

AGRADECIMENTOS

Obrigada WylInna pela orientação e por fazer o pensar mais leve e acessível, abraçando meus processos de forma tão compreensível. Você me instiga e me inspira.

Obrigada Elaine por sempre pegar na minha mão em novas explorações, sendo meu par de jarro desde o início dessa graduação. Não teria terminado esse curso sem você.

Obrigada Jessica por estar perto e ser a irmã/melhor amiga, ainda mais nesse momento tão louco. Você fez muita falta em seu tempo fora.

Obrigada pai e mãe por proporcionarem a liberdade em ser e por sempre serem suporte e acalanto na construção dos meus caminhos.

Obrigada Mariana e Ricardo por aceitarem compor a banca de avaliação. Suas contribuições em sala de aula e em banca fizeram sentido de muitos amadurecimentos ao longo desse percurso.

Vocês estão no meu coração...

RESUMO

Trabalhando com aspectos subjetivos da percepção humana dos lugares, a arquitetura sensível pode ser assimilada a partir da fenomenologia, tendo como pressuposto o reconhecimento da importância da experiência corporal direta para o entendimento da arquitetura.

A partir de estudos de caso realizados anteriormente na disciplina de Estágio Supervisionado 1, assim como nos materiais utilizados como referência, foi constatado que existe um distanciamento entre a análise do objeto e a vivência do corpo no espaço pela não possibilidade de visita ao local; o que não viabiliza o uso dos sentidos (em sua totalidade) ou a experimentação dos espaços. Sendo assim, se o fenômeno arquitetônico só acontece a partir da experimentação do corpo no espaço, como podem ser validadas as percepções acerca dos estudos sem a colocação desse corpo em campo?

A partir dessa inquietação e buscando estreitar a relação entre teoria e prática, busco no presente trabalho me colocar em campo a fim de investigar as Atmosferas (Zumthor, 2006) na arquitetura a partir do meu corpo e meus sentidos. Me utilizando da exploração da vivência e do ensaio de narrativa foi desenvolvido o estudo de caso do Espaço Cultural José Lins do Rego, considerando a experimentação prática e a mobilização das minhas memórias. Essas dimensões do sensível e da memória dizem respeito ao diferencial que faz os lugares físicos transformarem-se em lugares afetivos, passíveis de serem perpetuados no imaginário.

As categorias de análise estabelecidas a partir da interpretação da produção de Zumthor se referem a aspectos subjetivos que partem da própria arquitetura, não abraçando aspectos acerca das subjetividades da individualidade de quem vivencia o lugar, sendo estes referentes às formas de se perceber o espaço que partem de cada indivíduo, e que são de extrema relevância no processo de experimentação e como este acontece.

As análises realizadas, quando relacionadas à minha formação, ressaltam o alcance limitado dessa forma de apreender espaços distante da prática. A experimentação da vivência e do ensaio narrativo acabaram por se tornar uma abordagem importante na minha compreensão do ser arquiteto, ampliando minha percepção e capacidade de buscar propor decisões espaciais que reflitam nas dimensões do sensível e do existencial, para além de soluções técnicas; contrubuiu também na exploração de instrumentos utilizados na pesquisa fenomenológica, de forma a apontar um caminho possível de aplicação da teoria.

Palavras Chave: Fenomenologia; Atmosferas; Experimentação; Ensaio narrativo.

SUMÁRIO

[p.4] Introdução

[p.6] Etapas de trabalho

[p.7] Fenomenologia na arquitetura

[p.11] As atmosferas de Zumthor

[p.19] O Espaço Cultural

[p.21] Narrativas experimentais

[p.33] Discussões

[p.36] Considerações finais

[p.37] Apêndices

[p.40] Referências

ESTRUTURA DO TRABALHO

Introdução < Apresentação do tema;
Problematização;
Objeto e objetivos.

Etapas de trabalho < Processo de construção da pesquisa;
Etapas metodológicas.

Fundamentação Teórica < Fenomenologia na arquitetura;
As atmosferas de Zumthor.

Estudo de caso < O Espaço Cultural;
Narrativas experimentais.

Discussões < Análises;
Diálogo com a teoria.

Considerações finais < Inconclusões;
Contribuições;
Encaminhamentos.

INTRODUÇÃO

Trabalhando com aspectos subjetivos da percepção humana dos lugares, a arquitetura sensível pode ser assimilada a partir da fenomenologia. Um pressuposto dessa discussão é o reconhecimento da importância da experiência corporal direta para o entendimento da arquitetura, que não pode ser entendida como um objeto distante da vivência e consciência humanas.

A produção acerca da fenomenologia e arquitetura sensível indicam características pelas quais pode-se observar a presença da subjetividade e da construção existencial do espaço de forma teórica. Ao direcionar tal produção ao estudo de arquitetura, aparece uma lacuna de metodologias e categorias de análise para que se tenham parâmetros objetivos em uma abordagem científica da arquitetura sensível.

O interesse pela fenomenologia e sua relação com a arquitetura iniciou anteriormente, na disciplina de Estágio Supervisionado I, na qual desenvolvi minhas primeiras explorações sobre o tema. Em resposta ao entendimento das origens desse tema, dentro do campo da arquitetura, foi-se consolidando a compreensão acerca do papel mediador da arquitetura para o entendimento de mundo pelo ser humano.

A pesquisa desenvolvida nessa disciplina teve como objetivo identificar a relação entre fenomenologia e neuroarquitetura em obras arquitetônicas do período pós-moderno (1960-2000), sendo escolhidas para estudo de caso as edificações das Termas de Vals de autoria de Peter Zumthor (Suíça, 1996) e a Igreja de Santo Inácio de Steven Holl (Estados Unidos, 1997), sendo os autores, arquitetos que trabalham com a arquitetura sensível em suas práticas.

Em específico, objetivou-se realizar a revisão bibliográfica acerca das origens da fenomenologia no campo da arquitetura, assim como, aferir o processo de desenvolvimento dos projetos selecionados para o estudo de caso, comparar as estratégias adotadas pelos arquitetos com categorias de análise fenomenológicas estabelecidas a partir da teoria e apreender as intenções projetuais, tais como: o retorno à essência dos

lugares, a valorização dos materiais locais, o resgate dos aspectos histórico-culturais e a percepção do espaço de forma multissensorial.

Como produto, foram identificados grupos geracionais que conduziram os debates acerca do tema, sendo estabelecida uma evolução contínua dos desenrolares da fenomenologia no estudo da arquitetura.

A partir disso, foi sistematizado em formato de tabela [2] parâmetros de análise baseados nas teorias produzidas pelos diversos autores que consolidaram o debate da fenomenologia na arquitetura, e que foram aplicados no estudo das obras selecionadas. As análises, tanto visual das ilustrações, quanto do conteúdo dos textos, foi baseada na produção de arquitetos teóricos fenomenológicos.

A partir das análises feitas, assim como nos materiais utilizados como referência para a pesquisa, foi constatado que existe um distanciamento entre a análise e a vivência do corpo no espaço pela não possibilidade de visita ao local; o que levou a uma análise baseada em documentações existentes (fotografias, croquis, entrevistas e publicações dos arquitetos-autores) e discurso do arquiteto, que não viabiliza o uso dos sentidos (em sua totalidade) ou a experimentação dos espaços.

Sendo assim, se o fenômeno arquitetônico só acontece a partir da experimentação do corpo no espaço, como podem ser validadas as percepções acerca dos estudos sem a colocação desse corpo em campo? A partir dessa inquietação e buscando estreitar a relação entre teoria e prática, busco no presente trabalho me colocar em campo a fim de investigar as Atmosferas (Zumthor, 2006) na arquitetura a partir do meu corpo e meus sentidos.

Considerando a vivência na prática, busquei na escolha do objeto de estudo o fácil acesso ao local, assim como uma relação prévia com o mesmo, como forma de me colocar no espaço a partir não somente de contatos recentes, mas com o qual já existissem vivências anteriores que não motivadas pela condição de arquiteta em formação, para que assim, no processo de experimentação, fosse possível mobilizar minhas memó-

rias, para a partir delas constatar como me relaciono com o espaço e como fui moldada pelo mesmo.

A escolha pelo Espaço Cultural José Lins do Rêgo [3] como objeto de estudo, além desses fatores, também trás a carga artística e simbólica que circunda sua estrutura e seu programa e como estes se relacionam com a população e as dinâmicas estabelecidas no bairro.

[2] Tabela apresentada no Apêndice 1.

[3] A obra do Espaço Cultural José Lins do Rêgo (João Pessoa, 1984) de autoria do arquiteto Sérgio Bernardes, será referenciada ao longo do trabalho apenas como Espaço Cultural.

ETAPAS DE TRABALHO

A construção do trabalho vem sendo feita a partir da disciplina de Estágio Supervisionado I, que deixou em aberto diversos caminhos a serem explorados dentro desse tema. Para além do entendimento dessa teoria, busco aqui enfatizar a amplitude da experiência sensorial, me propondo a entender suas reverberações na formação de atmosferas na arquitetura.

O estudo de caso foi desenvolvido em três etapas: **experimentação, representação e análise**. Em um primeiro momento foram realizadas **vivências ao local** de estudo, havendo uma necessidade de não hiper-teorizar a estruturação dessas experimentações práticas a fim de dar liberdade aos sentidos e percepções.

Posteriormente foi realizado um **estudo de trabalhos de referência** na representação de aspectos sensíveis na arquitetura, buscando formas de representação de aspectos subjetivos da vivência. Foi **desenvolvido um quadro síntese** dos materiais que mais se aproximam das questões abordadas no presente trabalho [1], em que foram sistematizadas as interpretações acerca das informações centrais sobre esses trabalhos, buscando entender quais os temas gerais, os aspectos subjetivos tratados e principalmente como foram representados.

Por fim, como etapa final do estudo de caso, realizou-se a **análise de conteúdo** dessas experimentações a partir de categorias de análise sistematizadas através da interpretação das Atmosferas de Zumthor (2006), por compreender a partir das leituras realizadas, ser ele o arquiteto fenomenológico que mais aproxima sua produção teórica de sua prática profissional.

Para melhor explicitar como se deu esse processo, a seguir discorro brevemente como foi se formando a pesquisa:

[1] Quadro síntese presente no final do material no Apêndice 2.

1. Fundamentação Teórica: Etapa de revisão bibliográfica do trabalho, em que situo como o tema se desenvolve no campo da arquitetura e quais aspectos serão utilizados como norteadores do estudo de caso.

2. Aprofundamento no objeto: Apresentação do objeto de estudo e explanação de como o Espaço Cultural se insere na discussão.

3. Visitas: Experimentação direta do local escolhido como objeto de estudo.

4. Estudo de representação: Exploração de trabalhos que discutem e expõem aspectos subjetivos na arquitetura.

5. Narrativa experimental: Registros acerca da minha vivência e observação direta.

6. Discussões: Etapa em que apresento a análise acerca da minha experiência em diálogo com a teoria.

7. Considerações finais: Nesta etapa são apresentados devaneios, observações e conclusões, surgidos durante o processo da pesquisa e experimentação, que contribuem na continuidade dos debates acerca do tema e em como abordá-lo.

FENOMENOLOGIA NA ARQUITETURA

Assimilando a arquitetura como linguagem mediadora entre o indivíduo e o meio ao seu redor, realizando essa comunicação ao tornar viável a prática de atividades nos espaços, estes por sua vez, proporcionam sensações e emoções aos indivíduos que buscam referências que conectem seu “eu” com o espaço.

Tal cadeia de eventos acontece por meio da interação de características materiais e imateriais, possíveis de serem sentidas e observadas pela vivência e experimentação da arquitetura, que por sua vez adquire significado ao despertar sentimentos ao sujeito. Estar no mundo significa se relacionar com ele, logo, o ser humano está em constante troca com o meio de forma ativa.

Uma das abordagens para se discutir a comunicação entre a arquitetura e o sujeito, é a fenomenologia, que observa o fenômeno arquitetônico - aquele que ocorre quando o lugar adquire significância a partir das experiências do indivíduo com o mesmo. [4]

O debate que sustenta as discussões da fenomenologia arquitetônica, surgem como crítica uma arquitetura “espetacular”, puramente visual e sem profundidade (VIZIOLI et. al., 2021). “A fenomenologia no discurso arquitetônico é parte de uma complexa revisão do movimento Moderno, sendo uma das principais fontes teórico-intelectuais do pensamento arquitetônico pós-moderno” (VIZIOLI et. al., 2021, p. 40/41).

A fenomenologia arquitetônica surge como movimento teórico-filosófico a partir dos anos 50 (HERNÁNDEZ, 2019) em um período de revisão dos pressupostos modernos pós-Segunda Guerra Mundial,

[4] A fenomenologia surgiu no início do século XX, na Alemanha, pelo filósofo Edmund Husserl; é um pensamento filosófico que retoma a importância dos fenômenos, os quais devem ser estudados em si mesmos. Entre os pensadores que trabalham esse tema podem-se destacar: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

dando aporte a uma reconstrução das cidades por meio de um olhar sensível e atento às especificidades de cada local para nortear a prática projetual (VIZIOLI et. al., 2021).

Ao longo desse processo de mudanças de pensamento, formaram-se grupos acadêmicos geracionais, em sua grande parte no campo da Teoria e História da Arquitetura, embora sem uma formalização. Ainda assim, na década de 1970, formou-se o primeiro grupo de discussão fenomenológica com participação de arquitetos como Christian Norberg-Schulz e Kenneth Frampton, criticando as medidas adotadas na concepção da cidade moderna e o estilo internacional.

Uma segunda geração de abordagem da fenomenologia arquitetônica desenvolve o tema focado na experimentação do espaço com a centralidade do corpo. Nesse momento, destacam-se arquitetos como Alberto Pérez-Gómez - que buscou sistematizar como a percepção começou a ser estudada - Steven Holl, Juhani Pallasmaa e Peter Zumthor que expuseram uma fenomenologia em suas práticas como meio de redescobrir a importância da percepção. (HERNÁNDEZ, 2019)

Nessa fase, ocorre o reconhecimento da experiência corporal direta como pressuposto relevante na arquitetura, uma vez que se afirma que a relação entre o objeto, a vivência e a consciência humana assume um papel mediador para o entendimento do mundo. (VIZIOLI et. al., 2021). Ou seja, defende-se a vivência do espaço como um aspecto fundamental para estruturar a percepção, as conexões e o pertencimento entre o usuário, o lugar e a arquitetura.

Para que o lugar adquira significado, além de suas características materiais e imateriais, é necessário a presença e interações humanas com o espaço. Nesse sentido, a estrutura formadora da arquitetura é constituída por partes, sendo o corpo humano e as suas percepções uma delas, para além de seus componentes físicos.

A arquitetura, para além de objeto visual, é mediadora entre indivíduo e ambiente, relacionando e projetando significados. É a partir des-

[5] Autores e suas abordagens acerca da fenomenologia.



[5] Fonte: Elaborado pela autora.

[6] Cristian Norberg Schulz (1926 - 2000).

[7] Juhani Pallasmaa.

[8] Peter Zumthor.

sa perspectiva que o arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa afirma que a arquitetura tem como função acomodar e integrar, assim como provocar todos os sentidos simultaneamente, para que assim possamos nos ver no mundo que experienciamos.

O autor parte da principalidade da visão na apreensão do mundo para discorrer sobre o fenômeno arquitetônico (espaço como gerador de identificação, sensações, reflexões e ativador da imaginação e da memória do sujeito-usuário) sendo este o sentido que dá abertura para a percepção dos demais sentidos.

Nesse sentido, diferencia-se a visão focada da visão periférica para a percepção: a primeira não considera o indivíduo como participante do espaço, tornando-o um espectador e restringindo suas percepções, levando ao afastamento da arquitetura de sua dimensão sensível; enquanto a segunda integra o indivíduo com o espaço, contemplando sua essência material, corpórea e existencial através da ativação de todos os sentidos, dando assim significado à nossa experiência (PALLASMAA, 2011).

A partir disso, seria possível analisar como a arquitetura demasiadamente visual é trabalhada atualmente, sendo abordada como estratégia publicitária para o mercado, muitas vezes se tornando objeto de persuasão que deliberadamente promove um desligamento crítico, se tornando condutor de um processo de alienação, e assim se desconectando da dimensão de seus usuários. Tal forma de praticar arquitetura tem negligenciado nossos sentidos e necessidades, havendo um movimento contrário em que a arquitetura sensorial seria a resposta ao entendimento visual dominante no ato de projetar.

Espaço, matéria, escala e tempo são percebidos pelos sentidos e tais percepções reforçam uma experiência que concerne ao ser existencial para que assim possamos acessar a sensação de pertencimento e identidade. Na arquitetura, os cinco sentidos envolvem diversas esferas de experimentação sensorial, que interagem entre si dando outras di-

mensões à percepção humana.

Sendo assim, a arquitetura sensorial parte de uma crítica à arquitetura da visão, demonstrando como todos os sentidos em conjunto fomentam a experiência espacial enquanto fenômeno. Logo, para a experimentação da arquitetura (multi)sensorial, sugere-se um olhar distraído e não focado, que estimula a imaginação na percepção do lugar; tornando mais consciente as sensações dos diferentes sentidos: o som mede a escala do espaço, os cheiros estimulam a memória, as texturas e o tato aproximam sensações do que nos é palpável.

[9] Evolução do debate fenomenológico na arquitetura.



[9] Fonte: Elaborado pela autora.

A luz possui papel fundamental como ativadora de uma observação sensível, pois estimula a imaginação, e ao produzir sombras, reduz a influência da visão na percepção dos espaços; viabilizando a livre experimentação do inconsciente. As condições de luz também ampliam ou reduzem a percepção do todo, conferindo ao espaço um papel provocador à reflexão.

O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, e para além dos aspectos materiais essa vivência implica a experimentação das percepções do inconsciente, que trazem à tona as características imateriais que complementam a estrutura física. Através desses fatores imateriais que implicam a presença do próprio corpo do observador na arquitetura, conseguimos alcançar a projeção do indivíduo no espaço:

“Em seu modo de representar e estruturar a ação e o poder, a ordem cultural e social, a interação e a separação, a identidade e a memória, a arquitetura se envolve com questões existenciais fundamentais. Qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. [...] A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos.”(PALLASMAA, 2011, p.68)

Portanto, a projeção do indivíduo no espaço é o resultado da interação das características do ambiente - materiais e imateriais - com o ser humano, o resultado de tais interações é o que denominamos de atmosfera do lugar.



[10]

[10] Instituto Salk (Louis Kahn, Estados Unidos, 1965). Projeto precursor da discussão da Fenomenologia Arquitetônica. Fonte: Archdaily.

AS ATMOSFERAS DE ZUMTHOR

O arquiteto Peter Zumthor trata das atmosferas como forma de avaliar a qualidade da arquitetura, subentendendo que o ambiente deve tocar o ser existencial usuário para que assim o sujeito possa de fato apreender o espaço. Acerca da produção de atmosferas em arquitetura e do processo projetual do autor, Bini e Almeida afirmam que:

“A arquitetura, a partir dessa vertente, orgânica e humanista, deve se constituir de atributos sensíveis que emocionam pela experiência de vivenciar um espaço, através de atmosferas. [...] A vivência do lugar, para Zumthor, depende das sensações do espaço, que se dão através de características sensíveis e sua relação com os sentidos humanos, pois a percepção da arquitetura se dá pela capacidade de captar esses detalhes, que são experienciados diferentemente por cada pessoa, averiguando os fenômenos através das atmosferas do lugar.” (BINI E ALMEIDA, 2021)

Zumthor descreve a arquitetura como uma das formas de arte, abordando a mesma como um corpo vivo, parte integrante do espaço, e em constante troca com seus usuários. Sua interpretação do fenômeno arquitetônico se desenvolve através da percepção emocional que nos gera uma leitura instintiva do meio, e essa resposta imediata da experiência se traduz na atmosfera do lugar. Nesse sentido, Pallasmaa complementa em seu trabalho o pensamento de Zumthor, afirmando que “Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos.” (PALLASMAA, 2011, p.11)

A abordagem de Peter Zumthor sobre o tema, revela a arquitetura como algo que consegue moldar uma trama de relações entre o espaço e o tempo através da experiência vivida e da nossa capacidade sensorial

e perceptiva. Ao propor forma, espaço e luz, a arquitetura tem a capacidade de elevar experiências banais através dos fenômenos que surgem entre as especificidades dos sítios, dos programas e da própria construção.

O diálogo da filosofia com a teoria do arquiteto, trás a perspectiva de que a realidade é constituída por camadas e experiências, sendo possível para o ser humano apreender o universo a partir de formas distintas de conhecimento, que se constituem em formas diferenciadas de apreender a realidade, sendo algumas delas a imaginação e a ciência intuitiva (experimentação e vivência).

A partir disso, entende-se que através da experiência da arquitetura sensível, tendo o corpo como referência para sentir o espaço de forma ativa, que a arquitetura pode despertar os diversos sentidos e a memória. É a partir dessa experiência - geradora de significado - que a arquitetura promove o sentimento de pertencimento do indivíduo com o meio, conferindo a mesma um caráter de significância atemporal.

“A função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturam nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no continuum da cultura e do tempo.
“(PALLASMAA, 2011, p.67)

Com isso, busca-se evidenciar a necessidade das práticas de uma arquitetura sensível e multissensorial, resgatando seu papel de arte e de envoltório, um habitat existencial e físico. “Essa arquitetura prioriza au-



[11]

[11] Capela Bruder Klaus (Peter Zumthor, Alemanha, 2007). Projeto se utiliza da fenomenologia na construção de camadas da experiência sensível. Fonte: Archdaily.

tomaticamente a experiência direta, sensorial do espaço, dos materiais e da luz através do corpo que não deve ser inerte, mas ativo às sensações do ambiente”. (BINI E ALMEIDA, 2021)

Tais aspectos subjetivos presentes na arquitetura multissensorial é o que une o entendimento de práticas arquitetônicas a dimensão simbólica e existencial do ser humano. É a partir dessa abordagem que Zumthor discorre sobre as trocas entre obra e sujeito arquitetônico, conformando tais interações em atmosferas, que se referem ao conjunto de elementos que tocam a dimensão existencial do ser humano. Em resumo, tudo o que o ser humano percebe do meio à sua volta provoca um determinado estímulo sensorial que leva a uma reação e a uma interpretação, o conjunto desses estímulos leva a uma condição psicológica e emocional, e é nesta interação que se constrói a atmosfera em arquitetura.

Quando se fala em atmosferas neste sentido, se trata de um conceito pouco pragmático e difícil de abordar cientificamente, dada a sua subjetividade e sua variabilidade no que diz respeito à singularidade da experiência de cada sujeito. Na arquitetura, a atmosfera se forma no entrelaçar da arte com o real, concreto, físico e palpável onde a arquitetura é a base das nossas vivências e resultado do nosso uso.

Sob essa perspectiva, a atmosfera na arquitetura é uma espécie de catalisador da interação que se dá entre o sujeito e a obra, como uma dimensão mútua entre as duas partes, onde decorre a experiência perceptiva e interpretativa, uma formulação inconsciente e pessoal da realidade à nossa volta.

Só é possível perceber a atmosfera apoiando-se na percepção sensorial e interpretativa, ou seja, somos obrigados a atribuir-lhe determinadas características reconhecíveis para o nosso universo sensorial, como por exemplo cor, textura, temperatura e iluminação. Ao retirar o elemento humano dessa interação, o conceito de atmosfera deixa de existir e conseqüentemente a intenção dessa arquitetura torna-se efê-

mera.

Peter Zumthor sistematiza a noção de atmosferas baseado em suas práticas projetuais, possuindo uma maneira particular de pensar e ver a arquitetura a partir da experiência, do material, da memória e do real; resultando em uma preocupação e cuidado em relação ao sítio e à escolha e tratamento dos materiais, de forma a dotar os seus edifícios com a capacidade de criar uma determinada sensação e impacto emocional nos seus usuários. Segundo ele, portanto, a ideia da atmosfera relaciona-se à intenção na execução do projeto e priorizar o pensar nos indivíduos que lhe vão dar uso.

As questões postas em sua produção teórica são sucintas e objetivas, relacionando-se diretamente com as práticas do arquiteto ao longo da sua carreira multiartística. Através de uma linguagem poética e sensível ele produz uma teoria extremamente relevante e alinhada com sua prática profissional, aproximando de uma forma mais clara a teoria acerca da fenomenologia e da arquitetura sensível de pensamentos, diretrizes e práticas projetuais.

“Peter Zumthor aprecia lugares e casas que cuidam do homem, que o deixam viver bem e o apoiam discretamente. A leitura do local, a descoberta de objetivo, sentido e finalidade do projeto, do projetar, planejar e formular da obra não é um processo linear, mas sim multiplamente entrelaçado.” (Brigitte Labs Ehlert no prefácio de Atmosferas (Zumthor, 2006))



[12]

[12] Espaço Cultural José Lins do Rego (Sérgio Bernardes, João Pessoa, 1984). Relação entre materiais da edificação. Fonte: Autoria própria.

Em *Atmosferas* (2006), Zumthor apresenta pontos de referência em seu método de trabalho que resultam na qualidade arquitetônica, através da formação e percepção das Atmosferas.

O primeiro dos temas abordados é **o corpo da arquitetura** em que fala sobre o envoltório da arquitetura: “O que considero o primeiro e maior segredo da arquitetura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço. Porque para mim é como uma anatomia.” (ZUMTHOR, 2006, pág.23)

O autor discorre sobre a arquitetura como análoga ao corpo humano, que possui uma superfície externa visível - uma pele ou envoltório - e um conjunto de coisas que não conseguimos ver mas que estão lá, e que fazem com que o espaço funcione como uma espécie de organismo, que realiza trocas e que envelhece, no qual vivemos mas que também vive em função de nós.

O seu segundo tema está na **consonância dos materiais** discutindo sobre materialidade e a relação entre materiais:

“Colocamos as coisas de forma concreta, primeiro mentalmente, depois na realidade. E vemos como reagem umas com as outras. E todos sabemos que reagem umas com as outras! Materiais soam em conjunto e irradiam, e é desta composição que nasce algo único.” (ZUMTHOR, 2006, pág.25)

A escolha dos materiais é um dos aspectos centrais nas obras de Zumthor, sendo um aspecto estudado com cuidado para a aplicabilidade específica desejada, relacionado também com os órgãos sensoriais e percepções sensíveis que se comunicam com o sujeito no espaço. Ele argumenta que os materiais naturais, e especialmente locais, têm uma capacidade empática com o ser humano, tanto pela sua organicidade que se reflete no processo natural de envelhecimento, como nos vínculos que se dão com o contexto e história do homem e da sua cultura

local.

O terceiro aspecto destacado pelo autor é **o som do espaço** e o papel que este desempenha na experiência da atmosfera da arquitetura: “Cada espaço funciona como um instrumento grande, coleciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes estão fixos.” (ZUMTHOR, 2006, pág.29)

O som é associado à **memória**, “o que primeiro me vem à cabeça são os ruídos de quando era criança, os barulhos da minha mãe a trabalhar na cozinha. Podia estar na sala e sabia sempre que a minha mãe estava ali atrás a bater com os tachos ou com alguma coisa assim” (ZUMTHOR, 2006, pág.31). O edifício ressoa os usos, os usuários, o vento e diversos elementos nele contidos. Ao eliminar o som, não há nada no espaço, não se provoca nenhuma sensação, e ainda assim é necessário pensar como o silêncio soará nos edifícios, com suas proporções e materiais.

Em seguida, Zumthor aborda **a temperatura do espaço**, que se relaciona com a experiência sensorial ligada à escolha dos materiais. A característica da temperatura dos materiais é uma percepção que não se sente só fisicamente pelo tato, mas também formula um jogo psicológico ao se relacionar com outros sentidos.

Como exemplo, o metal é um material frio por natureza, logo, inconscientemente associamos-lhe essa característica, embora seja um material com uma grande capacidade de condução térmica que em contextos mais quentes adquire outras temperaturas; não sendo agradável ao toque em nenhum dos dois casos. Por outro lado, a madeira é um material natural, maleável e agradável ao toque e ao olhar, que envelhece tal como nós e troca de temperatura de forma mais harmônica com o contexto e com os usuários. Em muitas situações a atmosfera dos espaços é definida por esta dinâmica subconsciente que nem sempre corresponde à sua realidade física, é uma questão de contexto.

As coisas que me rodeiam é o quinto tema apresentado, referindo-se às coisas que preenchem os edifícios, objetos que fazem dos espaços arquitetónicos espaços vivos, que refletem identidade e inevitavelmente projetam nos lugares um sentido pessoal de atmosfera.

“Esta ideia, de que entrarão necessariamente coisas num edifício que eu como arquitecto não concebo, mas nas quais penso, dá-me de certa forma uma visão futura dos meus edifícios, que se desenrola sem mim.” (ZUMTHOR, 2006, pág.41)

Tal aspecto trata do reconhecimento e contemplação do processo projetual que continua para além do proposto pelo arquiteto, sendo uma projeção da visão de futuro dessa arquitetura. Este tema enfatiza a necessidade de pensar proposições que não se moldem a uma abordagem higienista e impessoal que leva ao afastamento de preceitos fenomenológicos e sensíveis, colocando a atmosfera como um aspecto romantizado e superficial.

Em seguida, **entre a serenidade e a sedução**, trata do movimento dentro da arquitetura, do carácter percorrível e temporal dos espaços arquitectónicos. Zumthor considera que a arquitetura é uma arte espacial, tendo a capacidade de manipular os nossos percursos dentro dos edifícios, seduzindo através de vistas ou cenários, levando a uma livre movimentação através do que cada espaço instiga de curiosidade e proporciona surpresas visuais.

Sendo assim, se faz necessário evitar conduzir os percursos dos sujeitos, adotando uma abordagem que dê liberdade e autonomia nesse explorar. “Largar, dar liberdade. Para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade, um lugar onde não terão que correr e procurar a porta. Onde nada nos prende e podemos simplesmente existir” (ZUMTHOR, 2006, pág.45)

O sétimo ponto é **a tensão entre interior e exterior**, em que se discute a relação entre o domínio individual e privado e o domínio público, entre a sensação de abrigo e segurança e a sensação de estarmos

expostos e vulneráveis; sendo esta uma das tarefas mais primordiais da arquitetura: a construção de um habitat ou envoltório, uma barreira intencional entre interior e exterior.

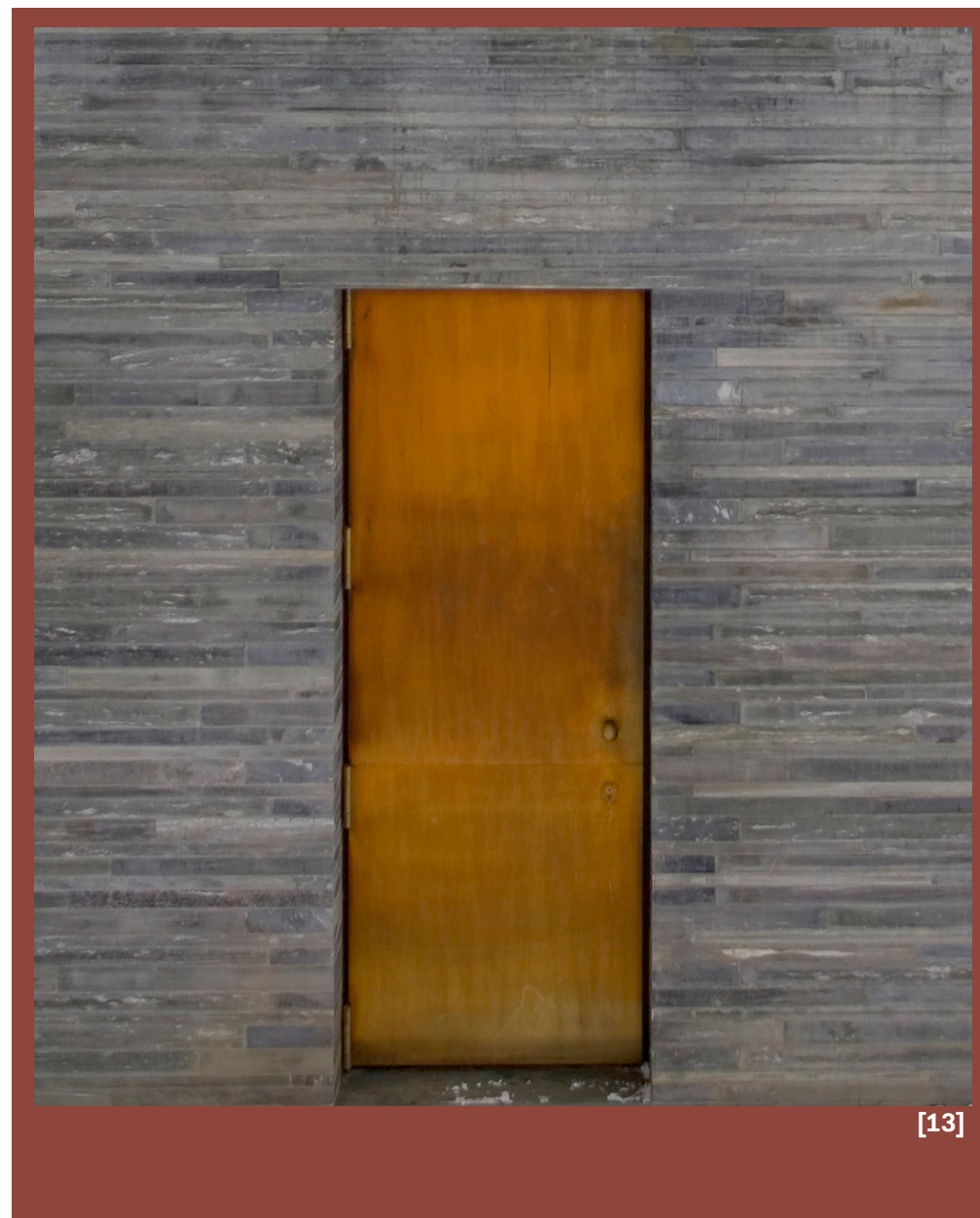
“Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica em outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior [...]” (ZUMTHOR, 2006, pág.47)

Como consequência surgem as questões que rodeiam as aberturas nessa casca. “O que é que nós, que o utilizamos, queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que quero revelar? E qual é a referência que o meu edifício leva até ao público?” (ZUMTHOR, 2006, pág.49).

Esses aspectos tocam na representação de um conjunto de intenções do arquiteto e de quem se utilizará da obra, o que se pretende mostrar, que tipo de vista se quer ter, qual a relação de proximidade se quer ter com o entorno, o que se quer proteger dos olhares externos, como esse conjunto de questões é percebida em uma fachada.

Nessa linha de pensamento, o tema **degraus de intimidade** relaciona-se com proximidade e distância em um sentido corporal de escala e dimensionamento.

“O que abrange vários aspectos que se relacionam comigo, o tamanho, a dimensão, a escala e a massa da obra. Por vezes são elementos maiores, muito maiores do que eu e noutras são objetos mais pequenos. Fechaduras, dobradiças ou outras [...] Ou seja, o tamanho, a massa e o peso das coisas.” (ZUMTHOR, 2006, pág.51).



[13]

[13] Termas de Vals (Peter Zumthor, Suíça, 1996). Fonte: Archdaily.

O autor procura destacar a relação que o corpo humano tem com o corpo dos edifícios e como isso afeta a nossa experiência. Embora essa relação seja fundamentada em princípios mais abstratos e por vezes voltados para a geometria espacial, se desenvolve em função da busca de uma harmonia entre arquitetura e a experiência humana.

Nesse sentido, o papel da luz na arquitetura é fundamental na experiência arquitetônica. Ao discorrer sobre **a luz sobre as coisas**, Zumthor partilha sobre suas ideias de como abordar a luz no seu processo de trabalho: “pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se.” (ZUMTHOR, 2006, pág.61). Em outro momento propõe “colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como refletem.” (ZUMTHOR, 2006, pág.61). Ele se preocupa com “onde está a luz e de que forma. Onde existem sombras. E como as superfícies são baças ou brilhantes ou ressaltam a profundidade.” (ZUMTHOR, 2006, pág.61) sendo um pensamento presente desde o início de seu processo projetual, trazendo uma consciência da luz sobre as coisas, destacando os elementos construtivos, paredes, texturas e ângulos através das entradas de luz e dos efeitos de sombra.

Em seguida, o autor trata do tema da **arquitetura como espaço envolvente**, trazendo uma preocupação com o processo de integração dos seus edifícios com seu entorno e do seu papel com o espaço e como parte desse espaço.

“Quando faço um edifício, um grande ou um pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente. [...] E é este o espaço envolvente que se torna parte da vida, da minha ou, na maioria dos casos, da vida de outras pessoas. É um lugar onde as crianças podem crescer. Talvez estas, inconscientemente, se lembrem daqui a 25 anos de algum edifício, de uma esquina, uma rua, uma praça, sem

nada saber do arquiteto, o que também não é importante. Mas a ideia de que as coisas estão lá [...] Faz-me feliz imaginar que este edifício será talvez recordado por alguém daqui a 25, 30 anos. Talvez porque aí beijou o seu primeiro amor. O porquê não tem importância. É só para explicar que gosto mais desta ideia do que imaginar que este edifício daqui a 35 anos ainda constará nalgum dicionário de arquitectura.” (ZUMTHOR, 2006, pág.65)

Dentro dessa discussão, nota-se a necessidade de se entender especificidades do sítio e da cultura local, assim como o caráter atemporal que adquire a arquitetura ao atingir a dimensão de memória e contextos de marcos referenciais. Nesse contexto, a experiência e a memória se estabelecem como reconhecimentos de uma qualidade arquitetônica.

Zumthor trata da **harmonia** como tema norteador de decisões projetuais, sendo o ponto de congruência dos diversos aspectos propostos de forma intencional, funcionando de forma unitária e orgânica, equilibrando as características de lugar, forma e função. A harmonia é a maneira como todos os outros elementos encontram-se entre si e como interagem uns com os outros.

“Há uma bela expressão antiga: as coisas encontram-se, estão em si. Por que são, o que querem ser. E a arquitetura é feita para nós a utilizarmos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que esta também é a tarefa mais nobre da arquitetura, o fato dela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam, formam um todo. O lugar, a utilização e a forma. A forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta.” (ZUMTHOR, 2006, pág.69)

Por fim, em **a forma bonita**, o autor destaca que este é um as-

pecto que não é desenvolvido diretamente por ele em seu processo, mas sim construído a partir dos demais temas já abordados.

“Não trabalhamos na forma, trabalhamos com todas as outras coisas. No som, nos ruídos, nos materiais, na construção, na anatomia, etc. [...] Trabalhamos com todas estas coisas, olhando ao mesmo tempo para o lugar e para a utilização. [...] E se o trabalho for feliz, muitas vezes toma uma forma que me surpreende e do qual penso: nunca, nunca me teria ocorrido, no início, que isto ficaria assim.” (ZUMTHOR, 2006, pág.71)

No seu trabalho a forma é mais como uma evocação à analogia do corpo da arquitetura, de sua anatomia como um organismo, tal como foi referido nos demais pontos. Ele descreve seu processo como “slow architecture” (arquitetura lenta), trabalhando a arquitetura a partir de aspectos individuais que se conformam em um conjunto; cada aspecto é desenvolvido individualmente, mas quando a obra é experienciada, estes aspectos manifestam-se em uníssono, como uma orquestra.

Ele se refere a uma “forma bonita” propositadamente, não sendo tão simplista como uma imagem de uma forma que lhe é agradável ou não. “Encontro-a talvez em ícones, reconheço-as por vezes em naturezas mortas, que me ajudam a ver como algo encontrou sua forma, mas também nas ferramentas do dia a dia, na literatura e nas peças musicais.” (ZUMTHOR, 2006, pág.73)

Os temas tratados na obra de Zumthor quando apresentados de início, talvez se tenha a impressão que se trata de um processo extenso e complexo, mas ao analisá-los individualmente nota-se que todos eles estão em harmonia, fazendo sentido como uma unidade, se concentrando em aspectos simples focados na completude da experiência arquitetônica - constituindo assim uma atmosfera.



[14]

[14] Cidade Portátil 01 (2018). Arquitetura: arte, envoltório e paisagem. Fonte: @os_espacialistas.

O ESPAÇO CULTURAL

Foi escolhido como objeto de estudo o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, localizado no bairro de Tambauzinho em João Pessoa; sendo um equipamento que possui forte caráter artístico e simbólico, que marca o momento de modernização da cidade. Para além de ser reconhecido por sua expressão plástica e estrutural, o espaço possui um programa extenso voltado às artes e à cultura locais.

Atualmente a edificação é gerenciada pela Fundação Espaço Cultural - FUNESC - que se configura como uma entidade sem fins lucrativos de caráter cultural, social e educacional, fortalecendo e estimulando o fazer artístico e ampliando as oportunidades de circulação da cultura.

O projeto de autoria de Sérgio Bernardes, realizado em 1984, foi desenvolvido a partir de uma estrutura pré-fabricada que se utilizou de uma extensa cobertura metálica para abrigar os diversos níveis semi-enterrados e mezaninos de concreto que formam o conjunto dessa instituição. Este edifício representa um período de exploração por parte do arquiteto acerca da tectônica e do avanço tecnológico, em que o mesmo se dedicou à área da pesquisa em seu Laboratório de Investigações Conceituais — LIC.

O Espaço Cultural é o maior e mais preservado projeto público de Sérgio Bernardes (ALMEIDA, 2022), onde estão abrigados os mais diversos programas entre cinema, auditórios, teatros, planetário, biblioteca, sala de concertos, escola de circo, escola de música, galerias, entre outros.

Segundo o arquiteto, a proposta acrescentaria pouca coisa em termos de arquitetura, se utilizando de um sistema estrutural pré fabricado, barato e facilmente encontrados no mercado, que poderia trazer um perfil genérico predominante à arquitetura (ALMEIDA, 2022), logo, a arquitetura do espaço cultural se utiliza de uma intencional proposição de seus elementos - os pilares árvore de aço, as descidas de água pluvial em tubos metálicos, a semi esfera revestida em chapas metálicas que abriga o planetário, sua cobertura treliçada, as placas acústicas colo-

ridas do anfiteatro e o fechamento em painéis de vidro dos mezaninos - que representam em conjunto uma linguagem arquitetônica que compõe a narrativa deste edifício. Todavia, esta composição não se resume a uma cenografia, cada um destes elementos corresponde a uma solução para um determinado problema arquitetônico.

Em sua trajetória, Bernardes buscava proporcionar a vivência do espaço, afirmando que suas obras eram projetadas para serem experimentadas - “Tudo tem que ser poesia” (Documentário Bernardes) [15] - se alinhando, mesmo que não intencionalmente, ao discurso fenomenológico; e o Espaço Cultural não é exceção.

Para além das características formais acerca da edificação, o espaço se faz presente ao longo da minha vivência na cidade, fazendo parte de diversos momentos da minha vida antes e durante meu percurso acadêmico. Retomo uma citação em que Zumthor acaba por explicar bem como essa obra se insere em meu caminho:

“E é este o espaço envolvente que se torna parte da vida, da minha ou, na maioria dos casos, da vida de outras pessoas. É um lugar onde as crianças podem crescer. Talvez estas, inconscientemente, se lembrem daqui a 25 anos de algum edifício, de uma esquina, uma rua, uma praça, sem nada saber do arquiteto, o que também não é importante. Mas a ideia de que as coisas estão lá [...] Faz-me feliz imaginar que este edifício será talvez recordado por alguém daqui a 25, 30 anos.” (ZUMTHOR, 2006, pág.65)

O Espaço Cultural se insere como uma edificação de possibilidades quase infinitas de vivências, assim como pude perceber ao longo da vida, sendo cada uma delas únicas, definidas não só pelo espaço construído, mas também pelas mudanças ocorridas na imageabilidade do mesmo ao longo dos anos, as intervenções efêmeras em dias de eventos, assim como as subjetividades da minha percepção do local. Sendo assim, agora me proponho a revisitar e reconhecer a obra, considerando a formação de sua atmosfera e minha relação com o ambiente.

[15] Documentário “Bernardes”, 2014. Direção de Gustavo Gama Rodrigues e Paulo de Barros.

NARRATIVAS EXPERIMENTAIS

Sobre a experimentação, é necessário enfatizar a necessidade da não estruturação de uma visita, pois isso iria de encontro com uma vivência de fato, em que há uma livre experimentação dos sentidos e percepções. Tal estruturação se relaciona ao olhar focado - explicitado por Pallasmaa - levando ao foco em um único objetivo ou atividade, limitando as possibilidades de apreensão e conexões do espaço que se tornam possíveis a partir de uma vivência livre de “filtros”.

Para abordar o Espaço Cultural de uma forma mais livre fui inserindo em minha rotina algumas idas mais frequentes, sem nenhuma atividade direcionada, havendo apenas o cuidado de ir alimentando alguns registros dessas idas.

A partir disso, o método adotado para a representação do estudo de caso foi o ensaio de narrativas experimentais, com suporte de registros de observação e da fotografia. Tais formas de representação foram escolhidas tanto devido a frequente recorrência desses métodos nos materiais de referência (Aguiar; Andrade; Casa Nova; Costa; Marquez e Cansado; Oliveira; Pereg; Pereira; Rocha; Sanoff; Tschumi) [16], quanto devido ao tempo disponível para realização das etapas de trabalho.

Em seguida, foi realizada a discussão dessa experimentação prática a partir da sistematização de categorias para realização de análise de conteúdo das narrativas e análise gráfica qualitativa acerca das subjetividades presentes nesse estudo.

Em diálogo com a teoria, a partir da interpretação das atmosferas de Peter Zumthor, foram estabelecidas 3 categorias: **materialidade**, **sensorialidade** e **memória**.

[16] Consultar Apêndice 2

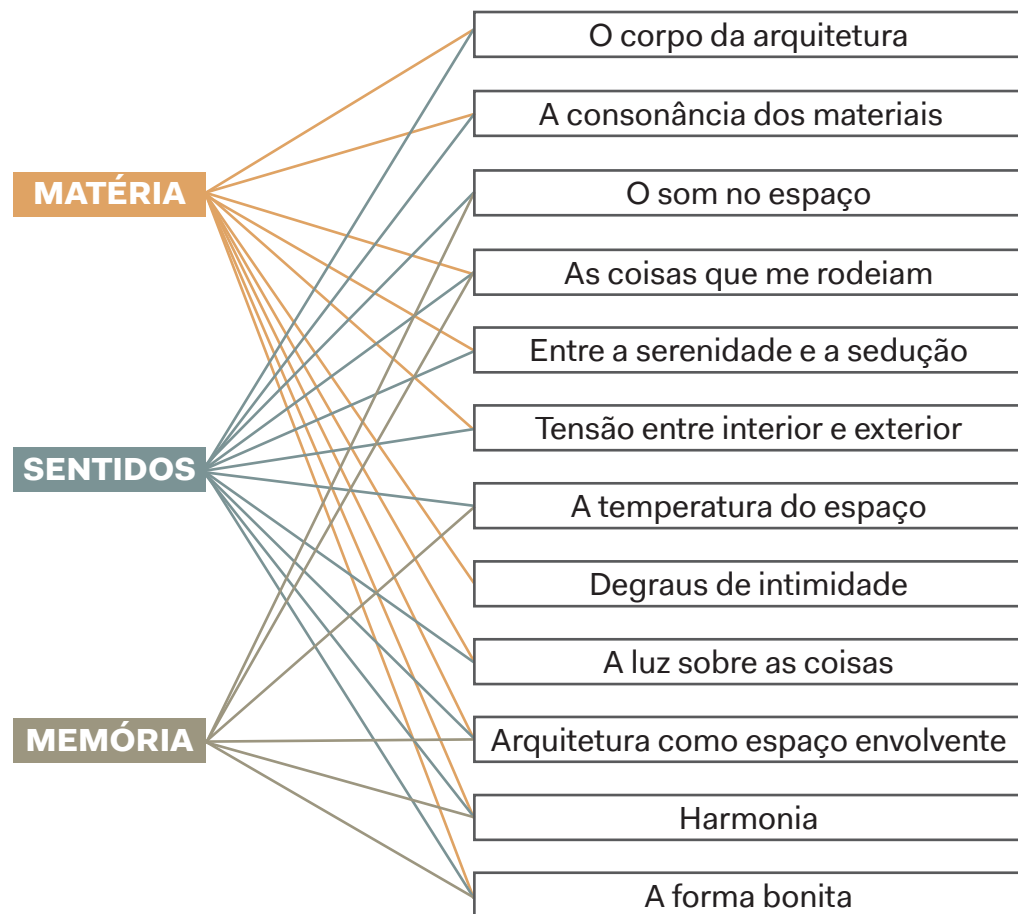
A partir das 12 atmosferas postas por Zumthor, foi realizada sua interpretação e agrupamento, de forma a chegar a 3 categorias finais, tendo sido as relações estabelecidas baseadas no conteúdo das descrições de cada atmosfera:

O **corpo da arquitetura** fala sobre a superfície externa **visível** - uma pele ou **envoltório** - e um conjunto de coisas que realizam trocas. O segundo tema da **consonância dos materiais** discutindo sobre materialidade e a relação entre **materiais**, relacionado também com os **órgãos sensoriais e percepções sensíveis** que se comunicam com o sujeito no espaço. O **som do espaço** tem a ver com a **forma**, com a superfície dos **materiais** e com a maneira como estes estão fixos, se associado à **memória**, ressoa os usos, os usuários, diversos elementos nele contidos. A **temperatura do espaço** se relaciona com a escolha dos **materiais** e é uma percepção que não se sente só fisicamente pelo **tato**, mas também se relaciona com outros **sentidos**. **As coisas que me rodeiam** refere-se às coisas que preenchem os edifícios, **objetos que fazem dos espaços** arquitetônicos e refletem **identidade** e inevitavelmente projetam nos lugares um **sentido pessoal** de atmosfera. Em seguida, **entre a serenidade e a sedução**, trata do **movimento** dentro da arquitetura, tendo esta a capacidade de manipular os nossos **percursos** dentro dos edifícios, seduzindo através de **vistas ou cenários**, instigando a curiosidade e proporcionando surpresas visuais. A **tensão entre interior e exterior** discute a relação entre o domínio privado e o domínio público, entre a **sensação de abrigo** e segurança e a sensação de estarmos expostos e vulneráveis; **uma barreira intencional entre interior e exterior**. O tema **degraus de intimidade** relaciona-se com proximidade e distância em um sentido corporal de **escala e dimensionamento**. Ao discorrer sobre **a luz sobre as coisas**, pensar o edifício primeiro como uma massa de **sombras** e a seguir, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se, trazendo uma consciência da luz sobre as coisas, destacando os **elementos construtivos, paredes, texturas e ângulos através das entradas de luz e dos efeitos**

de sombra. Em seguida, a **arquitetura como espaço envolvente**, traz uma preocupação com o processo de **integração** dos seus edifícios com seu entorno e do seu papel como parte desse espaço. Dentro dessa discussão, nota-se a necessidade de se entender **especificidades do sítio** e da **cultura local**, assim como o caráter atemporal que adquire a arquitetura ao atingindo a dimensão de **memória** e contextos de **marcos referenciais**. Nesse contexto, a experiência e a memória se estabelecem como reconhecimentos de uma qualidade arquitetônica. A **harmonia** é o ponto de congruência dos diversos aspectos propostos de forma intencional, funcionando de forma unitária e orgânica, equilibrando as **características de lugar, forma e função**. A harmonia é a maneira como todos os outros elementos encontram-se entre si e como interagem uns com os outros. Por fim, em **a forma bonita** é mais como uma evocação à analogia do **corpo da arquitetura**, de sua anatomia como um organismo, trabalhando a arquitetura a partir de **aspectos individuais** que se conformam em um conjunto; cada aspecto é desenvolvido individualmente, mas quando a obra é **experienciada**, estes aspectos manifestam-se em uníssono, como uma orquestra.

A partir dessas relações, foram feitos gráficos a fim de melhor visualizar-las assim como compreender a proximidade destas.

[17] Diagrama de relações entre as Atmosferas e as categorias estabelecidas



[17] Fonte: Elaborado pela autora.

A materialidade refere-se aos aspectos mais objetivos, possíveis de serem captados através da observação direta da arquitetura e seus componentes físicos - como materiais, estrutura, escala, envoltório, percursos, entre outros - sendo assim, também está condicionado ao olhar do ser arquiteto.

A sensorialidade por sua vez está relacionada à percepção multisensorial e subjetiva do ser humano, enquanto receptor daquilo que o edifício ressoa.

E a memória por sua vez, remete à vivências e sensações anteriores que fazem parte da vida e formação pessoal, reverberando na noção de identidade, significado e de afeto (enquanto afetação que move o ser existencial e não só de forma positiva).

Ao analisar as narrativas, alguns trechos relevantes foram aparecendo, não sendo possível direcioná-los a nenhuma das categorias sintetizadas anteriormente. A partir disso, proponho a adição de mais uma categoria de análise, sendo essa a **individualidade**.

A análise de conteúdo das narrativas relatadas se deu a partir do destaque textual por meio de cores correspondentes a cada categoria estabelecida, assim como ocorreu na classificação das atmosferas em categorias. Esse esforço foi feito com o intuito de identificar e quantificar os aspectos formadores de atmosferas presentes na vivência do lugar, podendo assim visualizar de forma mais direta os temas abordados.

De manhã tudo é mais bonito

Vivência realizada no dia 29/09/23 pela manhã.

É a coisa mais linda ir subindo a Av. José Liberato e ver o sol iluminando o painel de pinturas que se renova de tempos em tempos, corado com as orelhas de gato. Essa energia matinal deixa o espaço ainda mais bonito.

Como é mais tranquilo por ali nesse horário eu geralmente estaciono próximo a entrada principal onde tem o balcão de informações.



[18] Chegada no Espaço Cultural a partir da Av. José Liberato.

Fonte: Autoria própria.

Os ambientes periféricos acabam tendo mais permanência e a Praça do Povo é onde acontece um maior fluxo de passagem. Isso acontece por que as luminárias naturais da cobertura acabam dissipando muita luz e calor ali no centro.

Ainda assim, eu recomendo pelo menos uma vez na vida deitar no centro da Praça do Povo em um dia pela manhã, é uma sensação de estar deitada numa cobertura que acolhe e ao mesmo tempo é uma cama tão grande que me senti sozinha, uma espécie de solidude em estar ali. Sempre que olho pra cima me dá uma vontade absurda de andar nas passarelas das treliças da cobertura que parecem um labirinto que ainda não explorei ali.

É curioso observar como sempre tem movimento. O senhor fazendo sua corrida matinal. Crianças brincando em tudo que tem rodas na praça. A água tremulando com o vento. Grupos de alunos procurando a entrada do planetário. Idosa percorrendo o Teatro de Arena caminhando com sua acompanhante. Pessoas atravessando. Gato se abrindo no sol. Crianças com seus instrumentos subindo a rampa. Peixes nadando.

Ao final da praça tem um palco permanente que de acordo com minha escala humana deve ter 1,50m de altura assim como eu. Me pergunto se foi proposital seu perfeito enquadramento central com as rampas e os mezaninos ao seu redor até notar que o patamar das rampas proporciona uma vista privilegiada do palco, quase como um camarote para assistir qualquer que seja a apresentação que estiver acontecendo ali.



[19] Vista da cobertura deitada na praça.



[20] Passarelas da cobertura.



[21] Queda da água nos espelhos d'água.



[22] "Camarote" do patamar da rampa.

Fonte: Autoria própria.

Nesse dia achei a portinha discreta do camarote da Sala de Concertos aberta por trás da imensidão do palco da praça. Sem a iluminação geral só consegui ver o que a lanterna do celular me permitiu, mas ainda assim ver o espaço sem uso e sem iluminação foi bem diferente da imponência que se nota em dias de evento. As texturas do mdf dos camarotes e das paredes fica mais evidente, a parede curva do palco fica menor mais de perto, é possível ver as placas acústicas nas treliças sem ofuscamento e notar quantos caminhos se tem pra dentro daquele lugar.



[23] Sala de Concertos durante a abertura da Expo Favela.

Fonte: Autoria própria.

Voltando para a praça observo os diferentes quadrados presentes no piso, uns menores que saem um ar geladinho que refresca no calor e não sei de onde vem, e outros onde antigamente tinham canteiros com bancos. Falando nesses canteiros, me inquieta terem tirado o verde do

espaço e substituído por mais concreto em vasos simples com plantas caejadas. Me faz falta o verde e as cores, que é inserida no espaço só com sua apropriação. Nas pinturas dos mezaninos, no grafite do planetário, nas placas acústicas do teatro de arena, é aí que consigo ver a ocupação, o significado e me relacionar com essa dureza de concreto e metal e lembrar que aquilo é ou já foi uma praça.



[24] Antigo cartão postal mostrando os canteiros do Espaço Cultural.

Fonte: Pinterest.



[25] Vaso de planta perdido no espaço.

Fonte: Autoria própria.



[26] Marcação no piso onde haviam canteiros.

O que é esse espaço?

Vivência realizada no dia 10/09/23 à tarde.

Tal qual uma jovem estudante de arquitetura e urbanismo que estagia a semana inteira e se encontra na reta final de produção do trabalho final de curso, chega-se o sábado a tarde e é preciso produzir...só que também urge a necessidade de não ser mais produtiva em nada, pois o cansaço já se faz muito presente. Quando me vi assim em um desses dias, me peguei indo comer bolo de milho no final da tarde no pátio do estacionamento do Espaço Cultural para depois ver um filme no Banguê - que vim a descobrir que era sobre tudo que estou estudando em arquitetura - por meio da representação do centro do Recife, cidade onde nasci.

Mas o que é aquele pátio no estacionamento? Não sei se era pra ser um espaço de permanência nem o que é ao certo mas tem um fim de tarde bem agradável e acaba sendo uma extensão da Praça do Povo quando esta está ocupada com algum evento, como era o caso desse dia. Defino como edifício ou espaço?



[27] Vistas do fim de tarde no pátio do estacionamento.

Fonte: Autoria própria.

É sempre bom dar uma explorada para o tempo passar mais rápido, e já entrando na minha rota, já sinto o cheiro do óleo dos churros da barraquinha que tá sempre no pé da rampa 4.

Sempre gosto de ver os níveis e recortes do espaço, criando cenários diferentes ao longo da caminhada. Tem sempre novas vistas mesmo com a repetição de texturas, materiais, cores, formas, vazios...

Acho curioso a passagem embaixo da Praça do Povo entre as rampas 4 e 3, é uma sequência de exposições da entrada até a saída - História, fotografia, arquitetura, artes plásticas, o cotidiano, de tudo tem ali.

Demorei um pouco na Galeria Archidy Picado com a exposição “Princípio do Prazer” de Potira Maia. A exposição representava vários aspectos de bar, com a imagética do antigo Bar do Contorno do bairro do Castelo Branco, que conheci no início da graduação e que fechou como consequência dos efeitos da pandemia.

Conheci a galeria por nome, em uma disciplina que cursei como optativa no centro de artes visuais da UFPB, tive contato com alguns trabalhos e exposições de artistas locais e regionais. Entre eles os que nomeiam a Galeria, o espaço expositivo, o memorial, e algumas obras que encontro pelo espaço. Entre eles: Alice vinagre, Abelardo da hora, Miguel dos santos e Cybele Dantas. Estudar esses artistas me causou uma familiaridade muito boa ao conseguir relacionar a esses espaços que compoem o que veio a se tornar meu objeto de estudo.



[28]



[28]



[28]



[28]



[28]



[28]



[28] Imagens da Exposição Princípio do Prazer na Galeria Archidy Picado.

Fonte: Autoria própria.



[29] Comparativo exposto no Arquivo Histórico.

Saindo dessa passagem subterrânea me deparo com mais esculturas, memoriais, arqueologia, o planetário, galerias abertas, música, grafites e caso também considere arte, a própria estrutura do lugar.

Entrei pra conhecer o Memorial Abelardo da Hora, que tinha apenas visitado as esculturas externas, descobrindo mais do artista que ainda havia conhecido superficialmente. Reparei que havia uma narrativa no conjunto, e que era a única exposição que tinham guias explicando um pouco das obras expostas e como conversavam com a trajetória do artista, o que me fez questionar o por que daquela exposição ser fixa e ter um suporte tão bom em relação às outras que conheci ali e recordar um pouco das aulas que tive.



[30] Memorial Abelardo DaHora.

Fonte: Autoria própria.

Seguindo meu percurso, acabo encarando o edificado com certa indiferença, olhando da mesma forma de confrontar uma maquete branca para se intervir, que só assume uma personalidade com esse “dedo externo”, assim como aconteceu no pós ocupação, formando assim o lugar de fato. O edifício por si só não é o suficiente para me tocar? O que toca é o espaço ou as intervenções que ali vejo se desenvolverem? De fato Espaço Cultural e não centro cultural ou equipamento cultural.



[31] Vista do térreo do Espaço Cultural.

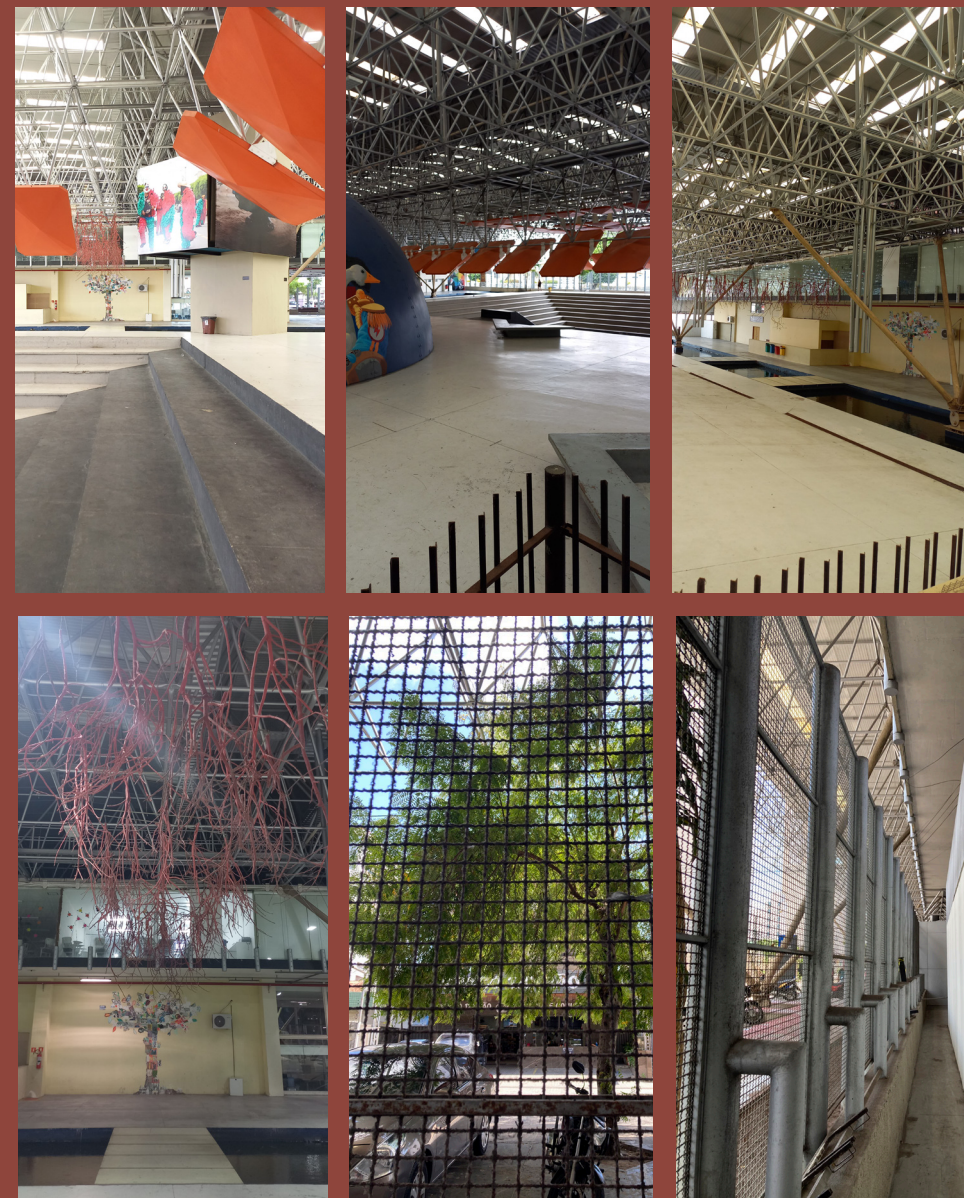
Fonte: Autoria própria.

Ao longo do caminho, principalmente em fins de semana, sempre ficam alguns grupos de adolescentes ensaiando coreografias. Em frente de cada galeria comercial fechada, quase que certo que se encontra um desses grupos. Perto da entrada sinto o cheiro de pipoca no ar, anunciando que as demais barraquinhas de comida estão chegando à medida que a tarde avança.

Retornando às novas vistas que encontro, em algum momento me deparo com um dinossauro rugindo para o astronauta do planetário. De fundo as placas laranjas do Teatro de Arena, por onde busco atravessar até o Cine Banguê.

A passagem de fato fica depois da “piscina dos peixes”, passando pelos bancos que ainda restaram dos antigos canteiros, logo ali embaixo da exposição dos galhos secos que lhe acompanham até a árvore de papéis, aí sim você tá na lateral do cinema mais gelado e mais calmo da cidade.

O Banguê fica semi enterrado, com uma chegada que parece com um aquário de vidro, por onde dá pra ver a parte administrativa em um mezanino e a bilheteria. Quando chego na entrada reparo em um portão externo que nunca havia visto, e me pergunto por que nunca está aberto, ou até mesmo por que tantas grades e portões. Comprei meu ingresso e ao esperar para entrar vejo pares de pessoas voltando murchas por terem esgotado as entradas. Dei sorte, e por fim chega a hora de ver meu filme bairrista.



[32] Percurso feito até o Banguê.

Fonte: Autoria própria.

Céu estrelado

Vivência realizada no dia 02/10/23 à noite.

Cansada de produzir em casa e com um bloqueio para escrever meu trabalho, resolvi ir produzir no Espaço Cultural a noite, após o estágio. É curioso como o lugar consegue ser **calmo e ativo** ao mesmo tempo. Existe pouco movimento, mas sempre **se repetem as figuras** de pessoas se exercitando, pessoas ensaiando algo, aulas de diversas naturezas.

Como a biblioteca estava fechada e me isolar era o oposto do que pretendia fazer, **fui em busca de uma tomada para o notebook...** e não me surpreendendo é uma tarefa um tanto quanto frustrante, **as que encontrava eram altas demais, ou quebradas.**

De repente me peguei refletindo sobre como e o porque desse lugar me confortar? Será a queda da água nas piscinas dos peixes? O barulho das chuvas parece uma fonte, uma playlist de chuva que usaria para me concentrar e me acalmar. Será o constante contato com as artes? Ou as marcas de uso?



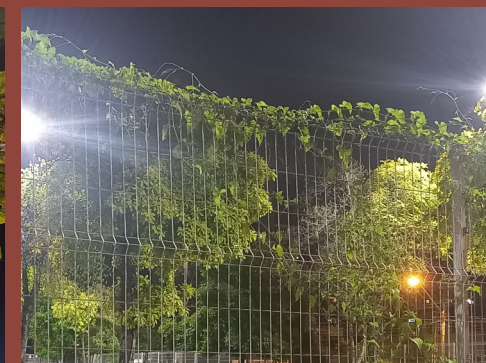
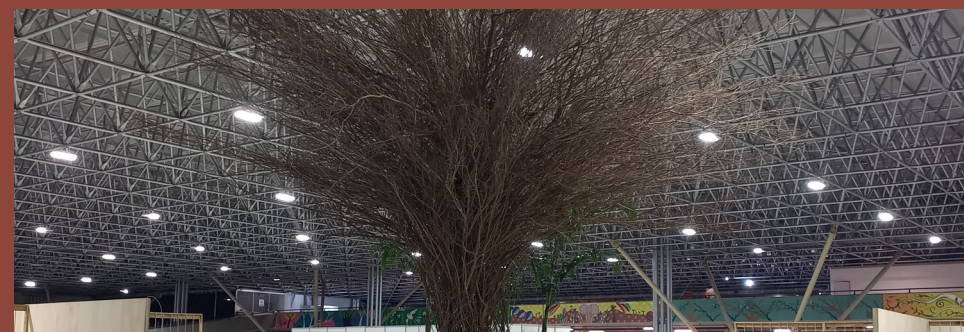
[33] O que me toca nesse lugar?

Fonte: Autoria própria.

Já pude experienciar quase todo o lugar, e sempre com eventos que me tocaram de alguma forma, seja por ideologia, marcação de momentos da minha vida ou coisas que alimentam a alma...Estive na Parada Preta; minha colação de grau do IFPB foi no Teatro Paulo Pontes; diversos shows na Sala de Concertos, no Teatro de Arena, na praça do Povo, cirandas de coco; apresentações de dança; diversas feirinhas; cinema; eventos diversos...Nunca o explorei como ponto turístico ou encarei como destaque de arquitetura, mas ele sempre esteve presente desde criança.

Por fim encontrei uma tomada na base do Teatro de Arena, finalizando minha procura. Depois de um tempo devaneando e imersa em uma tela, um grupo veio da Escola de Circo Djalma Burahém, ensaiar logo ali na minha frente. Poderia ser uma distração, mas foi uma diversão, sempre foi uma curiosidade, nunca havia visto a Escola funcionando, e só notei sua movimentação a partir desse ensaio.

Escrevi, tirei fotos, rodei o lugar, subi e desci, acompanhei o ensaio. Antes de ir para casa, dei uma última contemplada no lugar. Pude colecionar figurinhas de escritos, de elementos marcantes para mim, de grafites, e reparei como o polimento do piso reflete as diversas e repetidas luzes da coberta, quando olho para frente, vejo o cenário de uma árvore - que pertencia a montagem de um evento - e o conjunto das estrelas em um céu de metal, cenário que se repete na saída, mas dessa vez com a árvore e as estrelas de verdade.

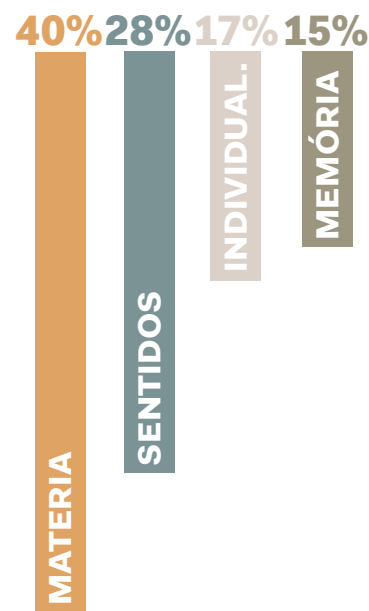


[33] Figurinhas do lugar, materialidade e contemplação.

Fonte: Autoria própria.

DISCUSSÕES

[34] Gráfico de recorrência das categorias de análise.



A partir da marcação do texto das narrativas, é possível notar maior recorrência de menções ligadas à de aspectos ligados à materialidade e sensorialidade na percepção do Espaço cultural, sendo estes então, norteadores na formação da atmosfera desse lugar.

A **materialidade** acaba por se destacar desde as intenções projetuais até a experiência do corpo no espaço, sendo solução técnica arquitetônica e também suporte para desenvolvimento dos aspectos materiais que se fazem presentes. Lembro-me de uma fala de um de meus professores no início do curso que falou em aula que “arquitetura é um óculos que não conseguimos tirar, que muda nossa forma de ver as coisas ao nosso redor”, a partir disso entendo que o conhecimento técnico adquirido interfere na minha sensibilidade em observar e vivenciar, sendo isso, possivelmente um dos motivos pela materialidade ter se destacado mais em minhas percepções.

Os aspectos que promovem a **percepção sensorial** - designando significado, e configurando assim, o espaço como lugar - partem da ocupação desse edificado e do desenvolvimento de atividades no mesmo, expressando identidade e significância através das diversas expressões e intervenções artísticas (simbolismo da arte), repetições de formas e materiais (linguagem formal), diversidade de atividades, pessoas e usos (apropriação).

A flexibilidade de usos nos diversos espaços dentro dessa edificação geram uma apropriação natural e diversificada da mesma, que acolhe atividades de várias naturezas, estimulando também intervenções físicas - enquanto pinturas, rabiscos nas estruturas, colagens e lambes (poster), grafites, montagem de estruturas efêmeras, novos vasos com plantas, entre tantas outras alterações deste local.

Isso me leva a pensar o que foi retirado e o que foi inserido - assim como trata Zumthor - que pude perceber ao longo dos meus contatos com o lugar: os canteiros retirados que levou a carência de verde na praça, o gradeamento da edificação, as cadeiras do teatro de arena que

[34] Fonte: Elaborado pela autora.

fazem falta em momentos de permanência mais longa, a troca das cadeiras do teatro em que tanto brinquei quando criança tentando entender como enrolava e desenrolava quando sentava, a pintura do astronauta na esfera do planetário que me deu uma perspectiva mais lúdica do que acontece lá dentro, assim como o uso de boa parte da estrutura física como forma de adorno com as cores vibrantes dos painéis pintados por artistas locais, que mudaram completamente a aura do Espaço Cultural, mudando inclusive minha percepção de escala, me sentindo menos distante dos mezaninos.

As alterações do lugar se relacionam diretamente à **memória**, que se faz presente para além do resgate de aspectos da vida de quem experimenta o lugar, mas também enquanto programa de necessidades ao dedicar parte deste a manutenção da história da cidade assim como de personagens marcantes para o município.

Esse aspecto acaba se relacionando também ao que é apreendido pela visão, ao remeter a cenários familiares - acredito que não é claro para nós o quanto somos aquilo que lembramos - e muitas dessas lembranças se relacionam a objetos que contêm em si memórias e significados. A partir da ocupação e vivência desse lugar que podem ser feitas as conexões acerca das percepções dos sentidos, materialidade e memória, (características materiais e imateriais do ambiente) assim como entender como tais categorias se conectam entre si fazendo sentido como uma unidade (a projeção do indivíduo no espaço), se constituindo assim a atmosfera.

Essas dimensões do sensível e da memória dizem respeito ao diferencial que faz os lugares físicos (a construção) transformarem-se em lugares afetivos (o habitar de nosso ser existencial), passíveis de serem perpetuados no imaginário. Nessa perspectiva, a arquitetura é um corpo ou casca que abriga momentos de nossas vidas e experiências.



[35] Algumas memórias desse espaço.

Fonte: Autoria própria.

Cabe ressaltar que as categorias de análise estabelecidas a partir da interpretação da produção de Zumthor se referem a aspectos subjetivos que partem da própria arquitetura, não abraçando aspectos acerca das subjetividades da **individualidade** de quem vivencia o lugar, sendo estes referentes às formas de se perceber o espaço que partem de cada indivíduo, e que são de extrema relevância no processo de experimentação e como este acontece; assim como foi observado a interferência da minha formação em arquitetura.

A partir disso, adoto a individualidade como categoria necessária de ser mencionada no processo da análise, havendo pontos das narrativas que não se enquadram nas categorias propostas a partir de Zumthor. Sendo assim, a percepção e concepção das atmosferas difere para cada indivíduo; e não poderia ser diferente, visto que é produto de sensibilidades próprias e dizem respeito a uma experiência sensível e pessoal da arquitetura.

O espaço é passível de ser interpretado e reinterpretado a depender de nossas disposições momentâneas. Através dessa forma de apreender, representar e descrever o espaço não pretendo chegar a uma imagem estática do Espaço Cultural, nem afirmar uma verdade sobre ele, mas sim investigar uma nova forma de leitura de arquitetura pautada na minha visão de usuário do espaço vivido e de minhas próprias expressões, abrindo espaço para relatos voltados ao cotidiano, aos acontecimentos da vida e a composição poética da vivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na interpretação do fenômeno, quando encaramos os aspectos humanos como parte da formação deste, é possível perceber que a teoria das Atmosferas apesar de poder ser um caminho para apreensão do sensível na arquitetura, veio a se mostrar um pouco limitada ao ser relacionada com o fator da individualidade.

Entendo que a experiência arquitetônica ideal envolve o despertar existencial a partir da memória do indivíduo, e é construída a partir de memórias. Encontro afinidade com essa maneira de construir uma reflexão, por abrir espaço para a dimensão do sensível e da narrativa pessoal no entendimento de fenômenos na arquitetura, e me permitiu desenvolver grande parte do trabalho a partir de minhas próprias experiências e memórias relacionadas à arquitetura.

É importante também destacar o tempo como limitador nesse processo de evolução de pensamento e de pesquisa, assumindo que existem lacunas deixadas que podem talvez abrir uma via de discussões e questionamentos, entre elas, a de identidade e pertencimento a partir da evocação da memória; ou também a possível sobreposição das categorias estabelecidas na percepção dos espaços.

Tal limitação de tempo também se fez presente ao longo de minha formação acadêmica, sendo comum o estudo de projetos correlatos como tentativa de aproximação de uma apreensão prática, que muitas vezes não cabe no formato e tempo de um período letivo.

As análises realizadas, quando relacionadas à minha formação, ressaltam o alcance limitado dessa forma de apreender espaços distante da prática. A experimentação da vivência e do ensaio narrativo acabaram por se tornar uma abordagem importante na minha compreensão do ser arquiteto, ampliando minha percepção e capacidade de buscar propor decisões espaciais que reflitam nas dimensões do sensível e do existencial, para além de soluções técnicas; contrubundo também na exploração de instrumentos utilizados na pesquisa fenomenológica, de forma a apontar um caminho possível de aplicação da teoria.

Encarar a arquitetura como arte, assim como sugere Zumthor, se mostrou um desafio em meio a hábitos adquiridos na prática da arquitetura, mas é possível aproximar nossa visão do mundo dessa forma a partir desse processo.

APÊNDICES

Apêndice 1: Tabela síntese das categorias de análise e seus parâmetros desenvolvida em Estágio Supervisionado I.

CATEGORIAS	PARÂMETROS	
CONEXÃO COM O LUGAR	Geografia; Clima; Paisagem; Materiais; Relação natural e construído; Assentamento; Relação com a comunidade local; Processos construtivos vernaculares e tradicionais; Identidade local.	ATMOSFERA: Fenômeno vivenciado (reunião de todos os parâmetros)
PERCURSOS	Movimento no espaço; Visão seriada; Noção de tempo; Relação interior e exterior; Escala; Presença do corpo no espaço.	
QUALIDADES SENSÍVEIS	Multissensorialidade (textura, cor e dureza, luz, som, temperatura, estímulos, proporção); Luz e sombra; Relação com a natureza; Pertencimento; Personalização	

Fonte: Autoria própria.

Apêndice 2: Tabela de sistematização de materiais de representação de aspectos sensíveis na arquitetura.

	REFERÊNCIA DO MATERIAL	TEMAS GERAIS	SUBJETIVIDADE ABORDADA	MÉTODO DE REPRESENTAÇÃO
1	Fragmentos (Extra)Ordinários da Cidade [Camila Andrade]	Experiências urbanas.	Multidisciplinaridade da arquitetura; Experiência do corpo no espaço; Reflexões teórico-projetuais.	Ensaio narrativo; Fotografia.
2	Atravessando a Penha [Elaine Caroline]	Dimensão afetiva do espaço.	Camadas de construção do espaço afetivo.	Fotografia; Relato de experiência; Colagem.
3	The Manhattan Transcripts [Bernard Tchumi]	Estado da arte da arquitetura contemporânea.	Multidisciplinaridade da arquitetura; Experiência do corpo no espaço; Reflexões teórico-projetuais.	Fotografia; Ilustração; Diagramas; Montagem cinematográfica; Ensaio narrativo.
4	Atlas Ambulante [Marquez e Cansado]	Percursos urbanos.	Registros de uma espacialidade efêmera.	Fotografia; Relato de experiência; Ilustração; Mapa sensitivo.
5	Visual Research Methods In Design [Henry Sanoff]	Métodos de estudo visual do espaço.	Medição ambiental; Imageabilidade; Mapeamento ambiental.	Registros de observação; Mapa sensitivo
6	Tentativa de Esgotamento de um Local Parisiense [Georg Perec]	Experiências urbanas.	Dinâmicas no espaço urbano; Experiência do corpo no espaço.	Registros de observação; Ensaio narrativo.
7	Percepção Ambiental em Museus Paisagens de Arte Contemporânea [Robson X. Costa]	Poética arquitetônica: Construção interativa do espaço e da percepção.	Envoltório e imaginário.	Relato de experiência.

Fonte: Autoria própria. Conteúdo da tabela continua na próxima página.

	REFERÊNCIA DO MATERIAL	TEMAS GERAIS	SUBJETIVIDADE ABORDADA	MÉTODO DE REPRESENTAÇÃO
8	Onde Moram as Coisas [Bruna M. de Oliveira]	Poética do espaço.	Dimensão simbólica e sensível do habitar.	Relato de memória; Ensaio narrativo; Ilustração.
9	A relação entre fenomenologia e neuroarquitetura nas origens das obras arquitetônicas pós-modernas. [Estágio Supervisionado 1 - Janaina F. L. Rocha]	Categorias de análise fenomenológicas.	Conexão com o lugar; Percursos; Qualidades sensíveis.	Fotografia; Croqui; Análise de discurso.
10	Sou onde estou: percurso expográfico de construção da memória coletiva do lugar. [Louise T. Aguiar]	O ser existencial no espaço.	Memória; Identidade; Multissensibilidade; Cidade como espaço expositivo.	Fotografia; Registros de observação; Ensaio narrativo; Mapa; Colagem.
11	Maré: Diário de um Atlas Temporário. [Giovana P. Casa Nova]	Representação de territórios na cartografia.	Memória; Identidade; Multidisciplinaridade da arquitetura;	Cartografia; Fotografia; Ilustração; Registros de observação; Montagens iconográficas.

Fonte: Autoria própria.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Louise Trevisan. Sou onde estou: percurso expográfico de construção da memória coletiva do lugar. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

ALMEIDA, Thiago de. Espaço Cultural José Lins do Rego. Da emoção pelo esforço ao prazer da facilidade. Projetos, São Paulo, ano 22, n. 259.01, Vitruvius, jul. 2022 Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/22.259/8544>>. Acesso em: 15 set. 2023.

AMORIM, Bruna Alves. Tato espaço terapêutico: arquitetura, arte, sentidos e seus limites. Orientadora: Amélia Panet. 2021. 111p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa. 2021. (não publicado)

ANDRADE, Camila Barbosa. Fragmentos extraordinários da cidade. Orientadora: Carolina Oukawa. 2023. 61p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa. 2023. (em fase de pré-publicação)

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BINI, Carolina e ALMEIDA, Maristela Moraes. Atmosferas do lugar: A arquitetura como experiência. Vitruvius, 257.02 Arquitetura e fenomenologia, Outubro 2021. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.257/8299>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BOSI, Felipe Azevedo. Uma estética da arquitetura corporificada. Resenhas Online, São Paulo, ano 15, n. 178.02, Vitruvius, out. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/15.178/6237>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BUCKER, Bárbara F. C. Habitar: linguagens. 2021. Orientador: Luís Antônio Jorge. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BULA, Natalia Nakadomari. Arquitetura e fenomenologia: qualidades sensíveis e o processo de projeto. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, p.235, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169560>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CAPALBO, Creusa. Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CASA NOVA, Giovana Paape. Maré: diários de um atlas temporário. 2022. 27 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

CASTELNOU, Antonio. Arquitetura contemporânea. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2015. 156p.

COSTA, Robson Xavier da. Percepção ambiental em museus paisagens de arte contemporânea: A legibilidade dos museus Inhotim e Sarralves. Orientadora: Gleice Virgínia de Azambuja Elali. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Programa de pós graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal, 2014.

DIAS, Ricardo de Figueiredo. Atmosferas: A experiência nas obras de Peter Zumthor. 2018. 192f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Escola Superior Artística do Porto, Porto, 2018.

FOSTER, Hal. O complexo arte-arquitetura. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FRACALLOSSI, Igor. "Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura / Steven Holl" 05 Jan 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GUILHERMINO, Leila Araújo. Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor. 2015. 202f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

HERNÁNDEZ, Ricardo Chaves. Fenomenologia de arquitetura. Discursos de Christian Norberg-Schulz e Juhani Pallasmaa. REVISTARQUIS, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 23–35, 2019. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/revistarquis/article/view/37928>. Acesso em: 3 abr. 2023.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARQUES, Renata; CANÇADO, Wellington. Atlas Ambulante. 1.ed. Minas Gerais: Instituto Cidades Criativas, 2011.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. Ponto Urbe, São Paulo, n. 19, [10 p.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002830203>. Acesso em: 3 abr. 2023.

NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995). Coleção Face Norte, volume 10. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Bruna Martins de. Onde moram as coisas. Orientadora: Ana Castro. 2021. 53p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAU-USP), São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, Melissa R. S.; PINHEIRO, Victória C. S. Emoções, sentimentos e arquitetura pela ótica da neurociência. PRO-ARQ, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 37, p.(22 - 37), dez. 2021. Dis-

ponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/37b>. Acesso em: 3 abr. 2023.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos. 1a edição, Porto Alegre, Bookman, 2011.

PEREIRA, Elaine C. R. Atravessando a Penha. Orientadora: Carolina Oukawa. 2023. Trabalho de conclusão de disciplina (Graduação) – Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa. 2023. (em fase de pré-publicação)

REIS, Elisabete Rodrigues. Lugar do sentido. Revista NUFEN, Belém, vol.9, no.2, pp. 109-123, Ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200008. Acesso em: 17 mai 2023.

SANOFF, Henry. Visual Research Methods in Design. 1a edição, New York: Routledge Revivals, 1991.

SECKLER, Henrique. O corpo, o público e o tempo na arquitetura. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/0c7c79ae-a4f-47c5-876d-b7686100a77c/2021_henriqueseckler.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

SILVA, Sílvia H. G.; BOMFIM, Zulmira A. C.; COSTA, Otávio J. L. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: Um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais, Vol. 10, Nº. 21, 2019, págs. 1-22. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8461935> Acesso em: 21 mai 2023.

TSCHUMI, Bernard. The Manhattan transcripts. London; New York, N.Y.: Academy Editions: St. Martin's Press, 1994.

VIZIOLI, S. H. T.; SEGNINI TIBERTI, M.; BRAULIO BOTASSO, G. Diálogos entre Arquitetura e Fenomenologia: do Moderno ao Pós-Moderno. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 39–50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revprojetar/article/view/23390>. Acesso em: 3 abr. 2023.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZONNO, Fabiola do Valle. A arquitetura como "lugar de invenção": Peter Eisenman e a complexidade da autoria e do processo. III ENANPARQ (Encontro) - Arquitetura, Cidade e Projeto: uma construção coletiva, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/html/Artigos/ST/ST-CDR-012-4_ZONNO.pdf. Acesso em: 07 mar 2023.

ZONNO, Fabiola do Valle. Arquitetura, paisagem e memória – a poética de Peter Zumthor. V ENANPARQ (Encontro) - Arquitetura e Urbanismo no Brasil atual: crises, impasses e desafios. Salvador, 2018.

ZONNO, Fabiola do Valle. A poética de Bernard Tschumi como complexidade e a interpretação do contexto. arq.Urb, (18), 61–84, 2019. Disponível em: <https://www.revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/164>. Acesso em: 21 abr 2023.

ZONNO, Fabiola do Valle. Memoriais contemporâneos e a experiência arte-arquitetura: o caso Field of Stelae de Peter Eisenman. II ENANPARQ (Encontro) - Teorias e práticas na arquitetura e cidade contemporâneas. Natal (RN), 2012.

ZUCCHI, Luisa Carvalho. Uma arquitetura de imagens ausentes. Tempo, corpo e experiência. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: entornos arquitectónicos – as coisas ao meu redor. Barcelona, Gustavo Gili, 2006.

APREENSÃO DE ATMOSFERAS NA ARQUITETURA

O estudo de caso do Espaço
Cultural José Lins do Rêgo.

**“Em suma, admito que provavelmente tudo se relaciona um pouco com amor. Amo arquitetura, amo os espaços envolventes construídos e acho que amo quando as pessoas os amam também.”
(ZUMTHOR, 2006)**